

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC/SP

COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO,

APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO

COGEAE

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS LATU SENSU

ESPECIALIZAÇÃO – MAGISTÉRIO DE ENSINO SUPERIOR

ANDRÉIA CHRISTINA BEZERRA DA SILVA

**AS COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS AO
DOCENTE DO ENSINO SUPERIOR NA
ATUALIDADE**

SÃO PAULO

2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP
COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO,
APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO
COGEAE
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS LATU SENSU
ESPECIALIZAÇÃO – MAGISTÉRIO DE ENSINO SUPERIOR

ANDRÉIA CHRISTINA BEZERRA DA SILVA

**AS COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS AO
DOCENTE DO ENSINO SUPERIOR NA
ATUALIDADE**

Monografia apresentado como exigência parcial para a obtenção do título de **ESPECIALISTA** no **Programa de Estudos Pós – Graduated Lato Sensu – Especialização – Magistério do ensino superior** da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, sobre a orientação da Prof^a Dra. Maria Celina Teixeira Vieira.

SÃO PAULO

2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao corpo docente da PUC, aos colegas de turma que acompanharam a jornada, aos meus pais e irmãos que sempre me apoiaram e a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

SILVA, Andréia Christina Bezerra da. As competências necessárias à ação docente na atualidade. ____f. Monografia (Programa de Estudos Pós – Graduados: Lato Sensu (Especialização) Magistério do Ensino Superior). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2011.

A competitividade decorrente das atuais demandas do mercado de trabalho faz com que, muitas vezes, as pessoas ingressem no ensino superior na busca de qualificação para atender às exigências do mercado de trabalho e não por uma escolha, de fato, de uma profissão. Como resposta a esta demanda, aumentou a oferta de cursos de ensino superior com o desafio de formar profissionais capazes de manter em funcionamento a estrutura gerencial de negócios do regime político vigente, que é o capitalismo. Neste cenário, entra em questão o desafio do professor para ensinar, uma vez que os docentes, em sua maioria, são especialistas em áreas do conhecimento, porém sem preparo pedagógico, e a qualidade dos profissionais que estão sendo formados. Este trabalho pretende, por meio de pesquisa bibliográfica, de traço descritivo refletir sobre um conceito de processo de ensino e aprendizagem, identificando e analisando as competências necessárias ao professor para o exercício do magistério no Ensino Superior. Em decorrência discutir o papel do docente no ensino superior na atualidade do Ensino Superior.

Palavras-chave: Conceito de ensino e aprendizagem; Competências ao exercício do Magistério e Papel docente no Ensino Superior.

ABSTRACT

SILVA, Andréia Christina Bezerra da. The necessary abilities for teaching In the present time. ___f. Monografia (Programa de Estudos Pós – Graduados: Lato Sensu (Especialização) Magistério do Ensino Superior). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2011.

Many times the competitiveness due to the current needs of the working market drives people to come to College searching for qualification not due to a choice for personal satisfaction but to attend those needs. To respond to those needs there was an increase on the courses supply which challenge is to graduate professionals able to keep working the managing structure of the businesses of the political system: the capitalism. In this scenery comes the defiance of the professor to teach since he or she can be - technically saying -, a specialist in his field of knowledge, but pedagogically unprepared. This monograph is intended to provide, through bibliographical research, a reflection on the concepts of teaching and learning process identifying and analyzing the necessary skills to College professors' performance, and to discuss the role of College professors currently.

Keywords: Concepts of teaching and learning, necessary skills and the role of professors in College Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	8
2. CARACTERÍSTICAS PROFISSIONAIS NECESSÁRIAS AO PROFESSOR PARA O EXERCÍCIO DO MAGISTÉRIO NO ENSINO SUPERIOR	11
2.1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem	13
2.2. Administrar a progressão das aprendizagens	15
2.3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação	17
2.4. Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho	19
2.5. Trabalhar em equipe	20
2.6. Participar da administração da escola	22
2.7. Utilizar novas tecnologias	22
2.8. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão	23
2.9. Administrar sua própria formação contínua	26
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

INTRODUÇÃO

Considerando as demandas da sociedade contemporânea e as exigências do mercado de trabalho, é cada vez maior a procura e a oferta de cursos de Ensino Superior. As pessoas buscam se qualificar cada vez mais para desenvolverem-se e tornarem-se competitivas no mercado de trabalho.

Esta busca, no entanto, muitas vezes representa apenas a possibilidade de conquistar ou manter uma colocação no mercado de trabalho e não a escolha de uma profissão.

A ampliação da oferta através do processo de privatização do ensino superior trouxe uma urgência para se formar rapidamente profissionais que possam manter em funcionamento a estrutura gerencial de negócios característica do regime político vigente que é o capitalismo. “Cada sociedade gera fantasias elaboradas segundo a sua própria medida, segundo a medida do tipo de ordem social que se esforça em ser” (BAUMAN, 1998, p.52).

Sendo o objetivo principal a produção em massa de profissionais, a maior preocupação tornou-se transmitir os conteúdos básicos para o exercício de uma profissão de forma rápida e eficaz, comprometendo, no entanto, a qualidade deste ensino e, por conseguinte, destes profissionais.

Considerando que ensino e aprendizagem fazem parte de um processo dialético, este cenário torna o desafio do professor ainda maior, devido à diversidade de motivações pessoais dos alunos com os quais se depara. Vale lembrar que só há ensino qualificado quando há aprendizagem, e nem sempre os alunos estão mesmo dispostos a aprender. Muitos deles procuram cursos superiores em busca da necessária titulação e, ainda, da vida social que propiciam.

Os professores de ensino superior são, em sua maioria, especialistas em áreas diversas, no entanto não dominam os conhecimentos pedagógicos que ajudam os alunos a construir o conhecimento.

Este trabalho pretende refletir sobre um conceito de processo de ensino e aprendizagem, identificando e analisando as competências necessárias ao professor para o exercício do magistério no Ensino Superior. Em decorrência discutir o papel do docente no ensino superior na atualidade do Ensino Superior.

Por meio de pesquisa bibliográfica, de traço descritivo vamos no 1º capítulo discutir o processo de ensino e aprendizagem de uma forma articulada e

no 2º capítulo identificar e analisar as competências necessárias ao professor para o exercício do magistério no ensino superior na atualidade; por fim teceremos as considerações finais.

1. O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Para Perrenoud, muitos professores aceitam os desafios do ofício de ensinar por se recusarem a perceber as ambiguidades presentes na sociedade e, em função do desejo de ensinar, agirem num esforço de fazer aprender apesar dos mecanismos político e econômicos vigentes.

O individualismo dos professores começa, de algum modo, com a impressão de que cada um tem uma resposta pessoal e original a questões como O que é ensinar? O que é aprender? (PERRENOUD, 1999, p.14)

A identidade do professor, suas características pessoais e sua visão de mundo interferem diretamente em seu exercício profissional. De acordo com Yus (2002), desde a revolução industrial, a humanidade estimulou a compartimentalização e a padronização, que resultou na fragmentação da vida nas esferas: econômica, social, pessoal e cultural.

Nossas escolas transpiram fragmentação por todos os poros: organização (tempos, espaços) compartimentada e hierarquizada, profissionais especializados e desconectados, conhecimento fragmentado em disciplinas, unidades e lições isoladas, sem possibilidade de ver a relação dentro e entre elas, e entre estas e a realidade que os alunos vivem. Tudo isso prepara e educa para a fragmentação (YUS, 2002, p14).

Diante deste cenário, o referido autor propõe uma mudança de paradigma: a educação holística que tem por objetivo restabelecer as conexões entre todas as esferas da vida e é formado pelos seguintes elementos caracterizadores:

1. Globalidade da pessoa.
2. Espiritualidade.
3. Inter-relações.
4. Equilíbrio.
5. Cooperação.
6. Inclusão.
7. Experiência.
8. Contextualização.

Para Morin (2000) os sete saberes fundamentais que a escola teria a missão de ensinar são:

1. As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão.
2. Os princípios de um conhecimento pertinente.
3. A condição humana
4. A identidade terrestre.
5. O confronto com as incertezas.
6. A compreensão.
7. A ética do gênero humano.

O objetivo de mencionar diferentes visões a respeito do que deve ser considerado no processo de ensinar e aprender é percebermos a sua complexidade e as influências, inclusive inconscientes, que passam pelos mecanismos sócio-econômico-políticos e filosóficos, envolvidos em nosso pensar, sentir e proceder.

O ser que educa também é educado em um contexto em constante transformação e assim, também a identidade do professor enquanto pessoa e profissional se transforma de acordo com as demandas vigentes. A competência do professor está diretamente ligada à sua capacidade de responder ao dinamismo da contemporaneidade.

É necessário compreender bem a complementaridade dos processos ensino e aprendizagem para que se possa integrar e constituir uma unidade dialética. Masetto (2003, p 36) diz que os referidos processos são distintos. A ênfase num ou noutro fará com que os resultados da integração ou correlação dos dois processos sejam completamente diferentes. Para o autor o professor que foca o processo em *ensinar*, é o agente principal responsável pelo ensino. Age no sentido de fazer saber, mostrar, guiar, orientar, dirigir. Quando o foco é no processo de *aprender*, o aluno é o agente principal e responsável pela sua aprendizagem. São muitas forças em jogo e o professor para mediar este processo precisa ter conhecimento das mesmas, seus limites e suas possibilidades.

O processo de aprendizado nem sempre ocorre de forma eficaz para todos os alunos, ao mesmo tempo, por meio das mesmas experiências e, por isso, a ação educativa corresponde a uma prática complexa. É preciso levar em conta vários elementos na busca do sucesso escolar, como: estratégias pedagógicas,

uma boa comunicação de conteúdos e táticas, a vontade de aprender e a cooperação dos alunos. “Importa ser realista no sentido complexo: compreender a incerteza do real, saber que há algo possível ainda no invisível do real” (MORIN, 2000).

O caminho para atingir os objetivos propostos no processo educativo deve partir da reflexão do professor sobre sua capacidade de lidar com a assimilação e acomodação dos conteúdos, por parte de seus alunos, bem como sobre os processos de aplicação desses conhecimentos em seu cotidiano, considerando-se tanto o currículo estabelecido pela instituição de ensino como o currículo oculto, manifesto nas vivências de cada aluno em seu ambiente profissional, social ou familiar.

É a partir de uma prática reflexiva que o professor poderá ter condições de compreender o que está em jogo e lidar com a dialogia do processo de ensino e aprendizagem em sua amplitude, administrando diferenças, expectativas e resultados, em direção aos objetivos propostos.

Aprender é buscar informações, rever a própria experiência, adquirir habilidades, adaptar-se às mudanças, descobrir significado nos seres, nos fatos, nos fenômenos e nos acontecimentos, modificar atitudes e comportamentos.

Para Masetto (2003) para que este processo de aprendizagem aconteça efetivamente, o processo deve considerar a pessoa em sua totalidade através do desenvolvimento das seguintes áreas:

- Área do conhecimento que compreende os aspectos mental e intelectual do homem: sua capacidade de pensar, refletir, analisar, comparar, criticar, justificar, argumentar, inferir conclusões, generalizar, buscar e processar informações, produzir conhecimentos, descobrir, pesquisar, criar, inventar, imaginar. Estas habilidades propiciam a aquisição, elaboração e organização de informações, articulação e reconstrução de conhecimentos e significados que contribuem para o desenvolvimento da imaginação e da criatividade, do pensar e do resolver problemas.
- Área afetivo-emocional que propicia abrir espaços para que sejam expressos e trabalhados aspectos como atenção, respeito, cooperação, competitividade, solidariedade, segurança pessoal, através do crescente conhecimento de si mesmo e dos diferentes recursos que possui, bem

como reconhecimento de seus limites e potencialidades a serem otimizadas.

- Área de habilidades humanas e profissionais que abrange a operacionalização dos conhecimentos adquiridos. Aprender a se expressar e a comunicar-se com outras pessoas de diversos níveis hierárquicos em diversos ambientes e situações, trabalhar em equipe, elaborar trabalhos individuais de diferentes tipos como relatórios e pesquisas e o desenvolvimento das habilidades próprias de cada profissão.
- Desenvolvimento de atitudes e valores que visa criar uma interação entre o mundo individual do aprendiz e a realidade social. Auxiliá-lo a situar-se historicamente no contexto e no espaço do movimento de sua sociedade, estar aberto para captar e compreender de forma crítica os fatos e acontecimentos que agitam seu mundo, o trabalho, a família, o emprego, as políticas, a cidade, o país.

Significa desenvolver valores pessoais como: responsabilidade pelo seu processo de aprendizagem, ética, respeito ao outro e suas opiniões, honestidade intelectual, criticidade, curiosidade, criatividade, autonomia; desenvolvimento de valores cidadãos e políticos como participação na sociedade, compromisso com a evolução não se restringindo a soluções técnicas de sua área, abertura para perceber e analisar as consequências de soluções técnicas à luz das ciências ambientais, da antropologia, da sociologia; sentir-se comprometido com o crescimento e a melhoria da qualidade de vida da população a que se serve, desenvolvimento de valores éticos, históricos, sociais e culturais.

Podemos verificar que os autores convergem na constatação de que, seja qual for o paradigma que determina a atuação do professor, o processo de ensino e aprendizagem é complexo e, ainda que não tenhamos acesso a como ele acontece para cada indivíduo, ele ultrapassa os conteúdos de ensino e depende de como estes serão assimilados e acomodados para que tenham cumprido sua função.

Nisto reside a dialética do processo e nos leva a pensarmos na importância do preparo pedagógico necessário ao professor, especialmente em relação à didática, uma vez que ela é uma área da pedagogia que tem por objeto de estudo o ensino que é o principal instrumento de trabalho do professor.

Didática é um termo grego que significa uma ação de ensinar presente nas relações entre os mais velhos e os jovens, crianças e adultos, na família e nos demais espaços sociais e públicos. (ANASTASIOU e PIMENTA, 2002)

Enquanto área da Pedagogia, a Didática tem no ensino seu objeto de investigação. Considerá-lo como uma prática educacional em situações historicamente situadas significa examiná-la nos contextos sociais no qual se efetiva nas aulas e demais situações de ensino das diferentes áreas do conhecimento, nas escolas, nos sistemas de ensino, nas culturas, nas sociedades, estabelecendo-se os nexos entre eles. As novas possibilidades da Didática estão emergindo das investigações sobre o ensino enquanto prática social viva (ANASTASIOU e PIMENTA, 1997, P63).

Considerando que o processo de ensino e aprendizagem é dialético, carregado de intencionalidade, influenciado pelas transformações sociais e, como a Didática, é uma prática social viva, é fundamental a formação pedagógica e permanente do professor para que atue numa práxis reflexiva e cumpra com seu papel num mundo em constante transformação.

2. CARACTERÍSTICAS PROFISSIONAIS NECESSÁRIAS AO PROFESSOR PARA O EXERCÍCIO DO MAGISTÉRIO NO ENSINO SUPERIOR

Pensar nas características profissionais necessárias ao professor de ensino superior, requer a consideração de como é vista e exercida esta profissão na atualidade.

As mudanças que ocorrem na sociedade alteram a configuração das condições de trabalho e isto recai, também, no sistema educacional.

Os avanços tecnológicos que fazem com que vivamos na era da informação e do conhecimento, reduzem a empregabilidade e isto faz com que profissionais que não tem a docência como atividade central, recorram a ela como forma de ter uma atividade profissional complementar

Anastasiou; Pimenta (2002) afirmam que a maioria das instituições de ensino superior conta com docentes que são especialistas de outras áreas não sendo a docência sua atividade central. Em decorrência disto, muitos professores apresentam despreparo e até desconhecimento científico sobre o que é o processo de ensino e aprendizagem, pelo qual tornam-se responsáveis.

O professor universitário aprende a sê-lo mediante um processo de socialização em parte intuitiva, autodidata ou (...) seguindo a rotina dos “outros”. Isso se explica, sem dúvida, devido à inexistência de uma formação específica como professor universitário. Nesse processo, joga um papel mais ou menos importante sua própria experiência como aluno, o modelo de ensino que predomina no sistema universitário e as reações de seus alunos, embora não há que se descartar a capacidade autodidata do professorado. Mas ela é insuficiente (BENEDITO, 1995, p.131 *apud* ANASTASIOU e PIMENTA, 2002 p36).

Analisando este cenário, podemos concluir que a dimensão técnica se sobrepõe à dimensão pedagógica que é fundamental para que o objetivo maior da docência que é a efetivação do processo de ensino e aprendizagem, seja alcançado.

Segundo (LIBÂNEO, 1998, p.22 *apud* ANASTASIOU e PIMENTA, 2002 p.66), a pedagogia é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa. O pedagógico refere-se a finalidades da ação educativa, implicando objetivos sócio políticos a partir dos quais se estabelecem formas organizativas e metodológicas da ação educativa. Nesse entendimento, o fenômeno educativo apresenta-se como manifestação de interesses sociais em conflito na sociedade. A pedagogia é uma ciência sobre a atividade transformadora da realidade educativa e é uma atividade teórico-prática.

À luz das características dos profissionais de ensino superior na atualidade que, em sua maioria, são técnicos e analisando a importância da dimensão pedagógico didática para eficiente e eficaz ação docente, refletiremos sobre as competências necessárias a ao professor de ensino superior na atualidade. Segundo Rios (2002), a competência é definida pelo conjunto de propriedades de caráter técnico, estético, ético e político. E se realiza numa dupla dimensão: técnica e política.

Na visão de Perrenoud (1999), a competência vai além da aquisição de conhecimentos que, isolados, não são mais suficientes. É necessário relacionar os conhecimentos com os problemas encontrados, ou seja, a competência tem que estar ligada a uma prática social. De acordo com o mesmo autor, todos têm necessidade de compreender a razão e a forma como as coisas acontecem, integrando saberes, situações, esquemas de pensamento e experiências. A

mobilização desses recursos para o enfrentamento de situações-problema, constitui a competência.

Perrenoud (1999) propõe dez novas competências para ensinar. Examinaremos as que são pertinentes ao Ensino Superior.

2.1. ORGANIZAR E DIRIGIR SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM

Organizar e dirigir situações de aprendizagem é manter um espaço justo para tais procedimentos. É, sobretudo, despender energia e tempo e dispor das competências profissionais necessárias para imaginar e criar outros tipos de situações de aprendizagem, que as didáticas contemporâneas encaram como *situações amplas, carregadas de sentido e de regulação*, as quais requerem um método de pesquisa, de identificação e de resolução de problemas

Os professores devem conhecer os conteúdos a serem ensinados e traduzi-los em objetivos de aprendizagem, bem como ser capazes de articular conteúdos, objetivos e situações.

A competência requerida hoje em dia é o domínio dos conteúdos com suficiente fluência e distância para construí-los em situações abertas e tarefas complexas, aproveitando ocasiões, partindo dos interesses dos alunos, explorando os acontecimentos, em suma, favorecendo a apropriação ativa e a transferência dos saberes, sem passar necessariamente por sua exposição metódica, na ordem prescrita por um sumário

É importante, também, considerar as concepções prévias dos aprendizes que fazem parte de um sistema de representações que tem sua coerência e suas funções de explicação do mundo. Para isso, é necessário que o professor interesse-se por elas, tente compreender suas raízes e sua forma de coerência ao invés de censurá-las imediatamente.

O professor que trabalha a partir das representações dos alunos leva em conta que o que é evidente para os especialistas, não o é para os aprendizes e que se não compreendem não é por falta de vontade. Abre espaço de discussão, dialoga com eles para avaliar suas concepções e aproximá-las dos conhecimentos científicos a serem ensinados.

A análise desta dinâmica nos mostra que a competência do professor é essencialmente didática, na medida em que ele fundamenta-se nas representações prévias dos alunos sem se fechar nelas, mas encontrando um

ponto de entrada em seu sistema cognitivo para levá-los a incorporar, em suas representações, novos elementos e reorganizá-las quando necessário.

Aprender, mais que memorizar, é reestruturar seu sistema de compreensão de mundo. Para isto o professor deve aceitar os erros como uma importante etapa do esforço de aprender e esforçar-se para não corrigi-los imediatamente, mas proporcionar ao aprendiz os meios para tomar consciência deles, identificar sua origem e transpô-los.

Considerando que a função do professor é essencialmente didática, cabe mencionar que a ele cabe criar dispositivos para aprendizagem, através de propostas de tarefas a serem realizadas, projetos a serem executados, problemas a resolver pois a aprendizagem não ocorre ao acaso e a disciplina, os conteúdos a serem desenvolvidos e o nível em que se encontram os alunos são fatores que nortearão as opções do professor.

A construção do conhecimento é uma trajetória coletiva que o professor orienta, criando situações e dando auxílio, sem ser o especialista que transmite o saber, nem o guia que propõe a solução do problema (PERRENOUD, 2000, p.35).

É importante considerar que cada pessoa tem um processo de aprendizagem particular e, conseqüentemente, o acesso ao saber não é igual para todos. Sendo assim, o professor deve lidar com o fato de que todo dispositivo é uma tentativa, uma hipótese; o que torna necessário um amplo repertório de dispositivos e sequências didáticas para que identifique as oportunidades de mobilizar a aprendizagem.

Por fim em relação à competência organizar e dirigir situações de aprendizagem, um dos maiores desafios do professor é envolver os alunos em atividades de pesquisa e projetos de conhecimento.

A dinâmica de uma pesquisa envolve intelectuais, emocionais e relacionais ao mesmo tempo. Cabe ao professor, enquanto mediador desse processo, fazer buscar e confeccionar os materiais requeridos para o experimento.

Em um procedimento de projeto, o estímulo que pode ser utilizado pelo professor é o desafio do êxito de uma tarefa que perde o seu sentido, caso não seja concluída e não gere os resultados esperados.

A maioria das pessoas utiliza-se de regras práticas e conhecimento adquirido através das gerações para compreender os fenômenos, sem preocupar-se em aprofundar-se acerca dos fundamentos teóricos dos mesmos.

Como tornar o conhecimento apaixonante por si mesmo? Essa não é uma questão de competência, mas de identidade e de projeto pessoal do professor. [...] a competência aqui visada passa pela arte de comunicar-se, seduzir, encorajar, mobilizar, envolvendo-se como pessoa (PERRENOUD, 2000, p.38).

Todo o trabalho do professor é permeado por um forte componente didático, mas tropeça permanentemente nas questões de sentido e subjetividade dele, do aprendiz e as relações intersubjetivas decorrentes desta interação, que faz com que o desenvolvimento acerca do saber aconteça não só sob o registro cognitivo mas também emocional e relacional.

As situações-problema representam uma forma de acordo entre estas dimensões, que podem resultar em situações fecundas de aprendizagem.

2.2. ADMINISTRAR A PROGRESSÃO DAS APRENDIZAGENS

Devido à diversidade de aprendizes e à sua autonomia como sujeitos, é impossível programar as aprendizagens humanas.

O professor deve conceber e administrar situações-problema ajustadas ao nível e às possibilidades dos alunos, considerar a heterogeneidade com a qual trabalha e considerar que os aprendizes não abordam as situações com os mesmos recursos e não encontram os mesmos obstáculos.

Diante deste cenário, cabe ao professor propor a situação-problema, saber exatamente o que espera dela e fazer com que estas situações ofereçam desafios que estejam ao alcance dos alunos e sejam mobilizadoras para que levem cada um a progredir.

Considerar as diferenças é fundamental pois nem todos desempenham o mesmo papel no procedimento coletivo e, conseqüentemente, também as aprendizagens ocorrem de formas diferentes para cada aluno.

Ao professor cabe ajustar as situações-problema ao nível e às possibilidades dos alunos, considerando o nível médio dos alunos e a zona de desenvolvimento mais próxima da maioria e estar preparado para, se necessário, guiar uma improvisação didática e ações de regulação no aqui e agora da aula.

Exerce uma liderança e requer que possua competências que não se comparam às que são exigidas em uma atividade previamente planejada num paradigma tradicional.

As atividades de aprendizagem são meios para fazer com que o aluno aprenda de acordo com uma determinada teoria científica ou não, e progrida na formação. Portanto, o professor deve ser capaz de estabelecer laços com as teorias subjacentes às atividades de aprendizagem.

Escolher e modular as atividades de aprendizagem é uma competência profissional essencial, que supõe não apenas um bom conhecimento dos mecanismos gerais de desenvolvimento e de aprendizagem, mas também um domínio das didáticas das disciplinas. (PERRENOUD, 2000, p.48)

O professor deve ter clareza da intencionalidade de cada atividade que propõe e reconhecer seu valor estratégico na progressão das aprendizagens.

O funcionamento clássico da instituição escolar investiu muito em recursos padronizados de ensino, reduzindo a competência do professor à escolha do exercício correto.

Apenas recentemente a formação dos professores começou a torná-los capazes de criar atividades e sequências didáticas a partir dos objetivos visados. Cada professor deve ser capaz de pensar por si mesmo, considerando a realidade dos alunos com os quais está trabalhando e a relação entre as atividades propostas e a progressão das aprendizagens.

Para verificar a progressão das aprendizagens é necessário fazer balanços periódicos das aquisições dos alunos para fundamentar decisões de aprovação ou de orientação necessárias mais tarde, além de contribuir para a definição de estratégias de ensino-aprendizagem, numa abordagem formativa de observar e avaliar os alunos em situações de aprendizagem.

É importante que o professor saiba determinar e interpretar momentos significativos para estabelecer interações entre o aluno e as tarefas. A observação contínua mais do que fazer um balanço acerca das aquisições do aluno possui intenção formativa, que significa considerar tudo o que pode auxiliar o aluno a aprender melhor; perceber sua maneira de aprender e raciocinar, sua relação com o saber, suas angústias e bloqueios diante de certos tipos de tarefas, o que faz sentido para ele e o mobiliza, seus interesses, projetos, sua autoimagem como sujeito mais ou menos capaz de aprender seu ambiente escolar e familiar.

Avaliação e ensino devem constituir-se em um processo integrado, considerando cada situação de aprendizagem como fonte de informações ou de

hipóteses preciosas para delimitar melhor os conhecimentos e a atuação dos alunos.

A abordagem formativa da avaliação, considera uma lógica de ensino-aprendizagem mais do que uma uma lógica de orientação-seleção e determina a decisão do professor em relação às decisões de progressão ao final de cada ano letivo ou ciclo, obrigatórias de acordo com o sistema escolar vigente.

Ao refletir sobre as aquisições de cada aluno e questionar-se se é melhor manter o aluno que não domine os pré-requisitos necessários para o próximo ciclo, apesar do risco de retardar seu desenvolvimento e aumentar seu atraso escolar ou fazê-lo passar para o ciclo seguinte para que este não perca seu tempo e agrave suas lacunas, o professor deve perguntar-se: em que grupo, graças a quais atividades e qual atendimento, ele teria mais chances de progredir?

É parte do ofício do professor decidir considerando as aquisições de aprendizagens e, ao mesmo tempo, um prognóstico de uma estratégia de formação que considere recursos e dispositivos disponíveis.

2.3. CONCEBER E FAZER EVOLUIR OS DISPOSITIVOS DE DIFERENCIAÇÃO

Considerando que cada aluno encontra-se num ponto de desenvolvimento determinado por sua experiência de vida, mesmo estando na mesma faixa etária as turmas nunca serão homogêneas.

Organizar o trabalho, utilizar todos os recursos disponíveis e criar dispositivos didáticos para propor situações fecundas de aprendizagem, que promovam a progressão de todos os alunos é um desafio, cuja resposta deve ser construída através da prática pedagógica.

O importante, em uma pedagogia diferenciada, é criar dispositivos múltiplos, não baseando tudo na intervenção do professor. O trabalho por plano semanal, a atribuição de tarefas autocorretivas e o emprego de softwares interativos são recursos preciosos.

Organizar o espaço em oficinas ou em “cantos” – entre os quais os alunos circulam – é uma outra maneira de enfrentar as diferenças. Nenhuma delas é, sozinha, uma solução mágica. A diferenciação exige métodos complementares e, portanto, uma forma de inventividade didática e organizacional, baseada em um pensamento arquitetônico e sistêmico (PERRENOUD, 2000, p.58).

Considerando esta proposta de uma pedagogia diferenciada, é necessário que o professor desenvolva, também, competências que o tornem capaz de: ampliar a gestão de classe para um espaço mais vasto, fornecer apoio integrado, trabalhar com alunos portadores de grandes dificuldades e desenvolver a cooperação entre os alunos e certas formas simples de ensino mútuo.

Pensar numa atuação fora do espaço tradicional, exige do professor além de muita criatividade, energia e persistência, alto investimento do desenvolvimento da competência administrativa, pois ele precisa dominar parâmetros mais complexos e prevenir riscos não negligenciáveis de desorganização ou de desvio.

A questão da diferenciação envolve, também, alunos com dificuldades mais complexas do que as comuns em uma turma. Isto exige do professor saberes de outras áreas para que possa trabalhar com estes alunos, sem excluí-los.

Isso supõe não só competências mais precisas em didática e em avaliação, mas também capacidades relacionais que permitam enfrentar, sem se desestabilizar, nem desencorajar resistências, medos, rejeições, mecanismos de defesa, fenômenos de transferência, bloqueios, regressões e todo tipo de mecanismos psíquicos no decorrer dos quais dimensões afetivas, cognitivas e relacionais conjugam-se para impedir que aprendizagens decisivas comecem ou prossigam normalmente. (PERRENOUD, 2000, p.61)

Os professores não podem nem devem transformar-se em psicoterapeutas, mas esta abordagem mais clínica de observação e atuação, enfatizam um atendimento mais individualizado das necessidades de aprendizagem dos alunos.

Desenvolver a cooperação entre os alunos é de uma utilidade ímpar pois o professor não pode atender a todos ao mesmo tempo. Cabe ao professor propor atividades que estimulem a cooperação, isto vai muito além de solicitar que se faça em conjunto o que se poderia fazer individualmente.

Esta ideia considera uma cultura de solidariedade, tolerância e reciprocidade. Num sentido mais amplo, esta forma diferenciada de pedagogia considera uma dimensão política, uma forma de educação para a cidadania.

2.4. ENVOLVER OS ALUNOS EM SUAS APRENDIZAGENS E EM SEU TRABALHO

A relação com o saber é diferente para cada pessoa, bem como o desejo de aprender e trabalhar. A escola tem o desafio de trabalhar com esta diversidade para cumprir com o seu papel e com o passar do tempo, a responsabilidade pela vontade de aprender foi transferida ao professor.

Segundo Perrenoud, (2000):

A voga do “projeto pessoal” do aluno não deve iludir: os professores sabem que muitos alunos quase não têm projeto e que é difícil propor-lhes um. A nostalgia de classes homogêneas e prontas para trabalhar não desapareceu. Porém, é preciso trabalhar com a realidade da escolarização em massa (PERRENOUD, 2000, p. 68).

É importante ressaltar que o professor é parte de um sistema institucional já constituído e que este funciona supondo que há interesse, desejo de saber e vontade de aprender por parte dos alunos, considerando, ainda, que estes são adquiríveis e estáveis.

O ensino da forma que está instituído e constituído muitas vezes não considera que falta a alguns alunos estes pré-requisitos para um bom desempenho e acreditam que a motivação pode ser extrínseca ao indivíduo, especialmente através da avaliação punitiva. Não considera que para criar o desejo de saber e a decisão de aprender é necessário integrar os conteúdos de modo a fazer sentido para o aluno para que este tenha vontade de se apropriar do conhecimento.

Segundo o autor acima citado:

Não se pode pedir aos professores que façam milagres quando suas atribuições estão baseadas em uma ficção coletiva. A responsabilidade do sentido a ser construído não poderia repousar apenas sobre os ombros dos professores.” (PERRENOUD, 2000, p.69).

Considerando a situação apresentada, o professor precisa lidar com a diversidade dos alunos com os quais se depara. Diante de alunos que manifestam pouca ou nenhuma vontade de saber e aprender, ele precisa ter uma ampla compreensão dos mecanismos sociológicos, didáticos e psicológicos em jogo no surgimento e manutenção do desejo de aprender e vontade de aprender, além de habilidades didáticas para lançar mão de recursos que auxiliem os

alunos a compreenderem as práticas sociais para as são preparados e o papel dos saberes que as tornam possíveis, ou seja, atribuir sentido à aprendizagem.

Para isto, o professor deve desenvolver estratégias que possibilitem:

- Criar, intensificar e diversificar o desejo de aprender;
- Favorecer ou reforçar a decisão de aprender.

2.5. TRABALHAR EM EQUIPE

Para se trabalhar em equipe é necessário sair da sala de aula e interessar-se pela comunidade educativa em seu conjunto. De acordo com Perrenoud (2000) na escola existem tipos de equipes, de acordo com os níveis de interdependência, conforme tabela abaixo:

	Partilha de recursos	Partilha de ideias	Partilha de práticas	Partilha de alunos
Pseudo equipe = arranjo material	1			
Equipe lato sensu = grupo de permuta	2	3		
Equipe stricto sensu = coordenação de práticas	4	5	6	
Equipe stricto sensu = responsabilidade de alunos	7	8	9	10

Seja qual for o nível de interdependência da equipe, são necessárias competências de regulação para que cada um de seus membros encontre o seu espaço e não se sinta submetido à “lei do grupo” ou de seu líder, pois “trabalhar em equipe é uma questão de competências e pressupõe igualmente a convicção de que a cooperação é um valor profissional” (PERRENOUD, 2000, p. 81).

É necessário, no entanto, avaliar quando é de fato vantajoso que a tarefa seja realizada em equipe e quando não o é. A cooperação deve apresentar mais vantagens do que inconvenientes. Esta é uma competência que ultrapassa o trabalho em equipe e nem sempre cooperar significa formar uma verdadeira equipe.

Segundo Perrenoud (2000) “pode-se definir uma equipe como um grupo reunido em torno de um projeto comum, cuja realização passa por diversas

formas de acordo e de cooperação. Os projetos são tão diversos quanto as situações e as ações possíveis no ofício” (PERRENOUD, 2000, p.83).

Dentro desta perspectiva, há projetos que se organizam em torno de uma atividade pedagógica em que a cooperação é o meio de realizar um empreendimento que ninguém tem a força ou a vontade de fazer sozinho e ela se encerra no momento em que o projeto é concluído.

Por outro lado, há projetos cujo desafio é a própria cooperação, como um modo de vida e trabalho e não um meio para alcançar objetivos pontuais; desta forma não há prazos definidos para a utilização desta competência.

Seja qual for o propósito, é necessário que se saiba elaborar um projeto. Em uma equipe todos os membros são coletivamente responsáveis pelo seu funcionamento e o verdadeiro trabalho começa quando cada um cessa com as lamentações e utiliza toda a zona de autonomia disponível e capacidade de negociação para afastar restrições institucionais e obter os recursos e apoios necessários à realização do projeto.

Sendo o trabalho em equipe uma ação coletiva, podemos nos deparar com crises e conflitos interpessoais que devem ser administrados para que se atinja os objetivos estabelecidos no projeto.

É importante considerar que conflito não deve ser encarado exclusivamente como um evento negativo, mas como parte integrante do processo evolutivo tanto das pessoas quanto da sociedade, desde que seja utilizado mais de maneira construtiva do que destrutiva.

Cada indivíduo aborda o conflito de acordo com sua história pessoal e sua formação. A possibilidade de lidar com esses fenômenos com maior naturalidade depende de um trabalho interno e supõe competências de autoanálise e diálogo com seus próximos.

Em cada equipe há mediadores, pessoas que antecipam e atenuam confrontos.

A mediação deve ser centrada na tarefa e é essencialmente preventiva para que as divergências não se transformem em conflitos. O debate deve ser conduzido de forma a propiciar um acordo, uma decisão que não oponha de modo brutal ganhadores e perdedores.

Para que uma equipe continue a funcionar é necessário que enfrente a realidade e mais do que as questões dos vínculos interpessoais, trabalhe

intelectualmente sobre o que reúne e o que separa, identificando os verdadeiros desafios do conflito que surge. Nesse sentido Perrenoud (2000. p. 93) diz que o conhecimento não permite controlar todos os acontecimentos, mas ajuda a antecipá-los, nomeá-los, desdramatizá-los, compreender que são inerentes à dinâmica de um grupo restrito, o que dispensa a busca de um bode expiatório e cura do mito da “boa equipe” como paraíso relacional.

2.6. PARTICIPAR DA ADMINISTRAÇÃO DA ESCOLA

As mudanças dependem da adesão de todos os atores da educação a novos modelos e da construção de saberes e competências que propiciem seu funcionamento.

O funcionamento da escola como um todo contribui para formar alunos de maneira deliberada ou involuntária.

De acordo com Perrenoud (2000) a participação da instituição como um todo deve ter como foco criar mecanismos, através de projetos, que possibilitem aos alunos alcançarem um projeto pessoal.

Como já foi apresentado neste trabalho, a diversidade de experiências dos educandos coloca o professor diante de indivíduos que devido à sua herança cultural não possuem condições de considerarem-se sujeitos autônomos e que tenham um projeto pessoal.

O professor deve ter competências de comunicação, negociação, resolução de conflitos e planejamento flexível, para ter condições de atuar considerando os recursos da escola, seus parceiros e organizar e fazer evoluir, no âmbito da escola, a participação dos alunos.

É importante ressaltar que além dos conteúdos formais, designados legalmente para cada curso e estágio do mesmo, o sistema educacional como um todo deve educar para a cidadania e o professor deve se valer do currículo oculto para contribuir tanto quanto possível com a parte que lhe cabe nesse processo.

2.7. UTILIZAR NOVAS TECNOLOGIAS

Para que a escola cumpra com sua função e não perca a credibilidade, é necessário que acompanhe as mudanças sociais. Embora o sistema educacional não obrigue, autoritariamente, o professor a dominar estes novos instrumentos, os professores que não enfrentarem esta nova realidade tendem a dispor de

informações científicas e fontes documentais mais pobres do que aqueles que aderirem às infinitas possibilidades propostas pelas novas tecnologias.

A indústria informática tem desenvolvido produtos cada vez mais simplificados e acessíveis à compreensão de seus usuários, o que torna mais difícil ao professor alegar desconhecimento e falta de domínio da ferramenta.

Mais do que a competência técnica, de manuseio da ferramenta, as competências requeridas ao professor são lógicas, epistemológicas e didáticas, com o emprego do senso crítico para que as estratégias possam ser utilizadas de forma lúcida, a serviço dos objetivos de ensino e da formação do educando, inclusive para a cidadania. Um editor de texto auxilia com relação a formatação, estruturação, e correções mas não ensina a redigir. “O trabalho da escrita é formativo” (PERRENOUD, 2000, p.133).

O que mais importa ao professor é sua habilidade didática e sua relação com o saber. As tecnologias não podem ficar indiferentes ao professor, pois elas alteram o cotidiano das pessoas, modificando suas maneiras de viver, se divertir, se informar, trabalhar e pensar. Tais mudanças afetam as situações que os alunos enfrentam e enfrentarão e, portanto, mobilizam o que aprenderam e aprenderão na escola. Segundo Perrenoud (2000. p. 138) uma cultura tecnológica de base também é necessária para pensar as relações entre a evolução dos instrumentos (informática e hipermídia), as competências intelectuais e a relação com o saber que a escola pretende formar.

2.8. ENFRENTAR OS DEVERES E OS DILEMAS ÉTICOS DA PROFISSÃO

Atualmente se fala em educar para a cidadania, termo que substituiu a velha educação moral e cívica.

Este desafio está de alguma forma inserido em todas as competências que discutimos até agora. Mais uma vez, o professor é o ator principal dessa cena: articular todas as suas competências para muito além de informar, formar indivíduos.

Segundo Perrenoud (2000):

A violência, a brutalidade, os preconceitos, as desigualdades, as discriminações existem, a televisão exhibe isso todos os dias. Não se pode pedir à escola que seja aberta à vida e, ao mesmo tempo, fazer crer que todos os adultos aderem às virtudes cívicas e intelectuais que ela defende” (PERRENOUD, 2000, p.141).

É preciso reconhecer os fenômenos que ocorrem e criar situações que propiciem verdadeiras aprendizagens através de tomada de consciência, construção de valores e identidade moral e cívica.

A formação de indivíduos acontece não só através dos conteúdos didáticos a serem ensinados e aprendidos, mas também através do currículo oculto que aparece através de atitudes e comportamentos adotados pela escola como um todo e especialmente pela maneira de o professor conduzir as aulas.

Segundo Perrenoud (2000):

Como prevenir a violência na sociedade, se ela é tolerada no recinto da escola? Como transmitir o gosto pela justiça, se ela não é praticada em aula? Como inculcar o respeito, sem encarnar este valor no cotidiano? (PERRENOUD, 2000, p.142).

Os professores devem desenvolver competências que lhes permitam trabalhar para o futuro e para o presente. As aprendizagens informativas e formativas devem ser colocadas em prática no “aqui e agora” para tornarem-se confiáveis e trazerem benefícios imediatos, através da experiência pessoal e grupal.

A escola, como a sociedade, é uma instituição repleta de paradoxos. Refletir sobre eles é essencial para reconhecer e reformular mecanismos que interferem direta e indiretamente na relação de ensino e aprendizagem.

Ninguém pode aprender se sentir-se ameaçado em sua integridade física, psicológica e material; se não perceber que o estabelecimento de ensino utiliza-se de suas forças para assegurar a todos respeito e direitos em igualdade.

Para trabalhar no sentido de prevenir a violência dentro e fora da escola, é fundamental reconhecer os mecanismos violentos presentes e que devem ser reelaborados.

Segundo Perrenoud (2000):

A violência não são só golpes, ferimentos, furtos e depredações. É a agressão à liberdade de expressão, de movimento, de comportamento. A obrigação escolar é uma violência legal, que se traduz todos os dias por coações físicas e mentais. (PERRENOUD, 2000, p.145).

Professores devem trabalhar para limitar parte da violência simbólica que acontece nas escolas, falando e elaborando com os alunos, os atos de violência que os circundam e, através de negociação no grupo, reinventar regras e princípios de civilização.

Preconceitos e discriminações sexuais, étnicas e sociais também podem dificultar ou impedir a aprendizagem de alunos que sejam alvo destes tipos de intolerância.

Isto justifica a preocupação e o trabalho do professor no sentido de lutar contra o desrespeito às diferenças de todo gênero e a favor do respeito e da tolerância.

É uma questão bastante complexa pois atitudes intolerantes se formam através de estereótipos ouvidos desde a infância na família e no meio social ao qual o indivíduo pertence e isto inclui o professor.

O professor deve conhecer e ser capaz de refletir e reformular suas crenças para superar suas próprias atitudes preconceituosas excludentes, caso elas existam, e buscar a adesão dos alunos a uma postura respeitosa e responsável.

O grande valor de lutar contra os preconceitos e as discriminações sexuais, étnicas e sociais é tornar o presente tolerável e, dentro do possível, produtivo.

Segundo Perrenoud (2000):

A razão e o debate (Perrenoud, 1998k), o respeito à expressão e ao pensamento do outro são questões bem mais importantes do que este ou aquele capítulo de qualquer disciplina. Ainda é preciso dar-se conta disso. No ensino, como em outros ofícios, a lucidez é uma competência básica, quando se trata – não se podendo fazer tudo – de determinar as questões principais. (PERRENOUD, 2000, p.149)

Nesta perspectiva, a gestão de classe deve envolver os alunos na criação de regras da vida comum referentes à disciplina na escola, às sanções e à apreciação da conduta.

Embora tenhamos um histórico que nos mostra que as regras, geralmente, são impostas numa relação hierárquica, ou seja, de cima para baixo, quando as regras são negociadas e adotadas pelo grupo todos se comprometem com elas e tornam-se solidários para fazer com sejam respeitadas.

O professor aberto a negociações não abre mão de seu papel e de suas responsabilidades, bem como não perde seu poder; ele age no sentido de desenvolver em seus alunos o sentido de compromisso e responsabilidade tanto individuais quanto coletivos.

Segundo Perrenoud (2000):

A gestão dos tempos e dos espaços de formação, a busca de um equilíbrio frágil entre procedimentos de projeto e atividades estruturadas, entre tempos de funcionamento e tempos de regulação, entre trabalho autônomo e atividades cooperativas, constituem a arte da *gestão de classe*, que une o sentido da organização com a capacidade de determinar, sustentar, colocar em sinergia dinâmicas individuais e coletivas. (PERRENOUD, 2000, p.151)

A prática reflexiva requer do professor que saiba analisar as relações intersubjetivas. O vínculo que estabelece com os alunos é complexo pois mobiliza demasiadas camadas da personalidade de ambos e o professor precisa aceitar esta complexidade para reconhecer os motivos implícitos, inconscientes de sua história pessoal que fundamentam seu desejo de ensinar, para que tenha condições de analisar a relação pedagógica, sua autoridade e sua comunicação em aula.

O produtos destas reflexões conferem-lhe a competência de saber o que faz, através da regulação de seu desenvolvimento pessoal e análise de suas práticas, que devem retratar senso de responsabilidade, solidariedade e sentimento de justiça.

Segundo Perrenoud (2000):

Além de uma orientação ideológica estável, o professor deve dominar “técnicas de justiça” globalmente aceitas, sabendo que haverá aqui ou ali uma nota em falso, mas que, no conjunto, seus alunos reconhecerão que *ele faz o melhor que pode* (PERRENOUD, 2000, p.153).

Competências de análise, descentralização, comunicação e negociação são indispensáveis para lidar cotidianamente com as contradições de nossos sistemas sociais.

2.9. ADMINISTRAR SUA PRÓPRIA FORMAÇÃO CONTÍNUA

Desta competência depende a atualização e o desenvolvimento de todas as outras, que conservam-se através de um exercício constante dos recursos cognitivos que devem ser atualizados e adaptados a condições de trabalho em evolução, pois as mudanças nas práticas pedagógicas mudam lenta, mas profundamente.

A formação contínua deve auxiliar o professor a explicitar as próprias práticas. Formar-se é aprender, é mudar a partir de diversos procedimentos

individuais e coletivos de *auto formação* através de atividades e experiências que propiciem constante reflexão. As pessoas, de um modo geral, costumam refletir sobre suas ações presentes, passadas e futuras.

O professor, no entanto, deve ser capaz de refletir de forma mais metódica a fim de aprender metodicamente com a experiência e transformar sua prática através de constante auto formação, inovação e construção de novas competências e novas práticas.

Este exercício de lucidez profissional deve ser compartilhado com outros profissionais, numa perspectiva não de exposição a críticas e a situações em que se veja impelido a prestar contas, mas numa comunicação cooperativa que propicie aos envolvidos a possibilidade de discutir e analisar situações cotidianas e comuns à prática educativa no sentido de um *feedback* formativo.

Cabe ao professor estabelecer seu próprio balanço de competências e seu programa pessoal de formação contínua.

Isto deve acontecer de forma natural, através da reflexão sobre a ação. A análise dos fracassos permite, através da própria reflexão e regulação da ação, manter estratégias ou reformulá-las para que se obtenha um resultado diferente da próxima vez.

Enquanto algumas competências fazem parte do cotidiano da sala de aula, outras ocorrem de forma menos frequente e evidenciam que há coisas que não se sabe fazer e que não se pode aprender a fazer simplesmente refletindo sobre elas.

Uma situação de crise, por exemplo, exige do professor uma reação imediata e adequada. O professor deve identificar, portanto, quando pode progredir pelos meios que as situações decorrentes de sua prática oferecem e quando é necessário recorrer a outros recursos de auto formação como leitura, consulta, acompanhamento de projeto, supervisão, pesquisa-ação ou aportes estruturados de formadores suscetíveis de propor novos saberes e novos dispositivos de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade está em constante transformação e todas as mudanças que ocorrem, recaem sobre o sistema educacional.

O aumento da oferta e da procura de cursos de ensino superior fez com que, rapidamente, as instituições de ensino superior contratassem profissionais, no caso professores, com a incumbência de formar outros profissionais.

A competitividade, uma das características do mercado de trabalho na atualidade, caracteriza-se por uma necessidade urgente de mão-de-obra qualificada para manter em funcionamento a estrutura político-econômica vigente; o que faz com que muitas pessoas ingressem no ensino superior na tentativa de manter-se competitivo e assegurar seu emprego e não em função de uma escolha profissional propriamente dita.

Nesse contexto, há alguns fatores complicadores para o processo de ensino e aprendizagem, dentre eles o fato de os alunos terem necessidade de alcançar resultados que lhe garantam a certificação pretendida e não desejo de aprender e, por outro lado, os professores serem, em sua maioria, especialistas de áreas específicas, porém sem preparo pedagógico.

Os autores citados neste trabalho apontam para a interdependência existente no processo de ensino e aprendizagem no qual, por ser um processo dialético, só há ensino se houver aprendizagem e vice-versa; um não acontece sem o outro.

O predomínio da dimensão técnica em detrimento da dimensão pedagógica, faz com que muitos professores apresentem despreparo e até desconhecimento científico sobre o que é o processo de ensino e aprendizagem pelo qual tornam-se responsáveis.

As reflexões presentes neste trabalho nos levam a perceber que, além do conhecimento do conteúdo, o professor como mediador desse processo, deve estar ciente de que a ação educativa é uma prática viva e complexa e, como mediador desse processo, conhecer as forças em jogo, seus limites e suas possibilidades.

Os professores que aceitam o desafio de exercer seu ofício com o compromisso de cumprir sua função, devem manter-se atentos e críticos; disponíveis e dispostos para desenvolver as competências necessárias à ação docente, através da compreensão da razão e da forma como as coisas acontecem, integração de saberes, situações e esquemas de pensamento e experiências.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica Luis Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MASETTO, Marcos T. *Competência pedagógica do professor universitário*. São Paulo: Summus, 2003.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários á educação do futuro*. trad. Catarina Eleonora F. Da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido, Léa das Graças Camargos Anastasiou. *Docência no ensino superior* (Coleção Docência em Formação). São Paulo: Cortez, 2002.

YUS, Rafael. *Educação integral: uma educação holística para o século XXI*; trad Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed: 2002.